

Editorial

Dois:

Símbolo de oposição, de conflito, de reflexão, este número indica o equilíbrio realizado ou ameaças latentes. Ploct! É a cifra de todas as ambivalências e dos desdobramentos. Ploct! É a primeira e a mais radical das divisões: o criador e a criatura, o branco e o preto, o masculino e o feminino, a matéria e o espírito... Ploct!

O número dois simboliza o dualismo, sobre o qual repousa toda dialética, todo esforço, todo combate, todo movimento, todo progresso. Ploct! Mas a divisão é o princípio da multiplicação bem como da síntese. Ploct! E a multiplicação é bipolar, ela aumenta ou diminui segundo o signo que afeta o número. Ploct!

O dois exprime, então, um antagonismo que do latente se torna manifesto. Ploct! Uma rivalidade, uma reciprocidade, que tanto pode ser de ódio quanto de amor. Ploct! Uma oposição, que pode ser contrária e incompatível, mas também complementar e fecunda. Ploct! Ploct! Ploct!

Bem-vindos à segunda edição do Plástico Bolha. Apesar de todo esse palavreado pomposo aí de cima, preferimos adotar para o novo número do nosso jornal uma definição mais simples sobre o sentido do número dois: algo entre o um e o três.

Nesta edição, a professora Helena Martins escreve um interessante texto na coluna *Aos Alunos com Carinho*, e Pina Coco, coordenadora da habilitação de Formação do Escritor do curso de Letras da PUC-Rio, fala sobre o trabalho e conta um pouco de sua história.

As alunas Paloma Espínola e Sueli Rios nos presenteiam com excelentes poemas. Chiara Di Axox parte para a poesia em prosa. E ainda os textos de Isabel Diegues, Paula Gicovate e Julia Campos.

Se você é aluno de Letras e quer publicar seu texto no Plástico Bolha, basta enviá-lo ao e-mail do CALÉ, o Centro Acadêmico de Letras da PUC-Rio: cale.puc@gmail.com.

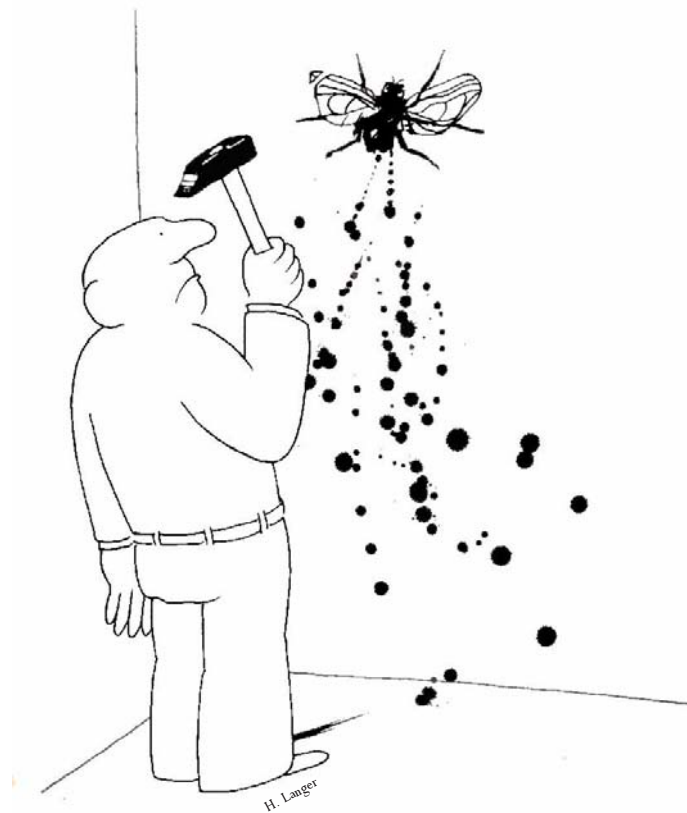
E para os leitores desta nossa segunda edição: que a leitura não seja imortal, posto que é bolha, mas que seja prazerosa enquanto estoure!

Manifesto do Plástico Bolha na internet:

<http://blustrattos.planetaclix.pt/bubblewrap.swf>

“Dois”: bolhas sobre texto retirado do dicionário de símbolos de Jean Chevalier.

Acertamos na Mosca!

**Editor:**

Lucas Viriato

Revisão:

Rubiane Valério

Editora Assistente:

Marilena Moraes

Distribuição:

Luiza Vilela

Redator:

Pedro Neves

Conselho Editorial:

Paloma Espínola; Luiz Coelho; Sueli Rios; Camila Justino; Isabel Diegues; Julia Barbosa; Paola Ghetti; Chiara Di Axox; Mauro Rebello

Fotógrafa:

Márcia Brito

Tesoureiro:

André Sigaud

Colaboradores:

Luiza Vilela; Lucas Viriato; Isabel Diegues; Sueli Rios; Márcia Brito; André Sigaud; Julia Barbosa; Flávia Jordão; Pedro Rajão; Luiz Coelho

Assistente Geral:

Flávia Jordão

Envie seus textos para: cale.puc@gmail.com

Nos alunos com carinho

(Quando, entre honrada e vagamente apreensiva, aceitei o simpático convite do editor para assinar esta coluna no segundo número do jornal, tinha me prometido que o que quer que eu fosse escrever não envolveria nem de passagem o nome *Ludwig Wittgenstein*. Coisa minha: ando com receio de que a minha fixação no pensamento do referido filósofo austríaco já esteja, para os que me conhecem, beirando embaraçosamente o desvio comportamental. Mas, no melhor estilo plástico-bolha: é involuntário... Então lá vai.)

Em seu *Da Certeza*, Wittgenstein, nos diz: “estou a filosofar agora como uma velhinha que está sempre a perder qualquer coisa e a procurá-la: ora os óculos, ora as chaves” (§532). Talvez se reconheçam aí aqueles que, como nós, tomam a linguagem e o sentido como a matéria do seu trabalho. A experiência deve ser familiar: aquela visão que era antes tão nítida de repente se embaça; aquela porta que já se dava como aberta agora encontra o nariz. E vamos de novo atrás de óculos e de chaves - nossos ou emprestados.

Se é à generosidade de um Wittgenstein que recorremos, melhoramos as nossas chances de compreender, talvez aceitar, essa particular resistência da linguagem a permanecer por muito tempo em território de paz conceitual. Pois, ensinando-nos que a linguagem mantém com as práticas humanas laços mutuamente constitutivos, Wittgenstein nos prepara para esperar que ela manifeste, na mesma medida da nossa vida, uma muito delicada economia entre transparência e opacidade, liberdade e obstrução. É nesse espírito que, tendo em vista sobretudo a dimensão do sentido, Wittgenstein nos diz sobre a linguagem (*Da Certeza*, §559):

Não é razoável (ou irrazoável).

Está aí, como a vida.

Para quem, como nós, resolve pôr o fenômeno lingüístico no centro da sua atividade profissional, isso pode às vezes parecer meio penoso. Desconcertada com as recalitrâncias do objeto com que escolhi trabalhar, eu mesma volta e meia me pergunto: por que não fui ser outra coisa? Sei lá, oftalmologista ou chaveira... Mas no meu caso, e espero que também no de vocês, a hesitação dura pouco. Logo volto a enxergar o acerto da minha opção. Ajuda-me aqui, por exemplo, um antiqüíssimo par de óculos gregos, agora tomados de empréstimo ao filósofo Górgias (483-375 a.C.), para quem

[a] linguagem é um grande soberano, que com o mais diminuto e inaparente corpo as mais divinas obras executa.

Quem é do campo de Letras toma por ofício o cultivo da intimidade com um grande soberano e com as obras mais (e menos) divinas que ele executa. Quaisquer que sejam as dificuldades envolvidas, a centralidade da linguagem nos assuntos humanos dá a medida do interesse e da relevância dos fazeres que se voltam especialmente para ela: ensinar, traduzir, escrever, ler, pesquisar, entender.

Pois se a linguagem é, como diria bem mais tarde Guimarães Rosa, “a única porta para o infinito”, então nunca deixa de ser oportuno perguntar, de diferentes maneiras e com diferentes ênfases: onde é mesmo que estão as chaves?

Helena Martins


Professora da área de Estudos da Linguagem

MODELO VIVO

A mão é levantada ainda com preguiça. Devagar, segura a ponta de uma das folhas do jornal. O silêncio é absoluto. Deixa o jornal estendido sobre a mesa e, sem tirar os olhos da página, segura a garrafa térmica de café. Com uma mão desenrosca a tampa, com a outra segura firmemente a garrafa. Desvia o olhar da página para encontrar a xícara. Não a retira de onde está pousada. Segurando com as duas mãos a garrafa, uma na tampa outra no corpo, deixa cair o café fumegante. O olhar distraído não percebe as gotas que espirram no canto esquerdo da página. A xícara é cheia até à borda, o café é abandonado por alguns segundos sobre a mesa. Num movimento quase brusco, afasta o corpo para virar a página e redobrar o jornal. Páginas longas exigem certa intimidade com o ato. O levantar do jornal desvenda migalhas de pão sobre a mesa. Alguém já esteve sentado ali antes, hoje pela manhã. Jornal apoiado na mesa, o primeiro gole de café é dado. Um barulhinho típico do beber-o-café-quente é ouvido, a xícara volta para o lugar. Uma espécie de contorcionismo distraído é feito para, sem tirar os olhos da notícia, pegar um pão francês num saco marrom de padaria, alcançar a faca tateando sem prestar atenção e, finalmente, encontrar o requeijão que servia de apoio para manter o jornal numa inclinação agradável à leitura. O pão é rasgado ao meio com as mãos e pousado sobre o prato localizado entre o corpo e o jornal. O requeijão é aberto e a tampa cai no chão. Apesar do barulho, não há menção de buscá-lo durante os primeiros segundos. Antes, algum artigo precisa terminar de ser lido. Apanhada a tampa ao lado da cadeira, resta no chão uma mancha branca. Esta ficará para depois. O pão no prato, o requeijão numa mão, a faca na outra, os olhos no jornal, a operação de construir um sanduíche se inicia. Uma enorme almofada branca é retirada do pote de vidro e esfregada sem muita homogeneidade no pão. Gotas quase sólidas escorrem pelas bordas, ameaçando a sobrevivência das notícias do canto direito inferior. Por sorte, a fome ou a pressa é maior que a liquidez do queijo e o jornal não é invadido. Mais uma página precisa ser virada e os olhos são desviados do jornal à procura de um guardanapo de papel. Duas ou três folhas são retiradas do porta-guardanapos de uma só vez e esfregadas nas mãos formando um bolo branco de papel e queijo. A última escala do guardanapo inutilizado é a boca, não produzindo muito resultado. Pão no prato, mãos quase limpas, e o jornal é mais uma vez manuseado para encontrar algo que interesse. Chegando à notícia procurada, o jornal é dobrado confortavelmente, depois é colocado sobre a mesa e o sanduíche quase acabado é recuperado com a mão esquerda. Dessa vez não há como evitar, uma gota gorda e pesada cai sobre a manchete, um dedo é passado sobre a gota na tentativa de abrir caminho para a leitura. O dedo melado de queijo branco e tinta preta sai do jornal em busca de mais um guardanapo de papel. Dessa vez, o guardanapo sobrevive à limpeza e é deixado ao lado do prato. O sanduíche está acabado, mais um grande gole de café é dado e a xícara volta quase vazia à mesa. O telefone toca. De longe ouvimos a voz de uma mulher que pede “um instantinho”. Alguns passos até a cozinha e “é pra você”. O jornal é abandonado, as migalhas de pão estão por todos os lados, o café da manhã está encerrado.

Isabel Diegues - 4º Período

Elisa

Dessa vez, Elisa estava num jardim, mas não um jardim qualquer... Era uma mistura do verde com o qual estava tão acostumada, com a pureza singela daquele livro de que tanto gostava... Algo dificilmente traduzível em palavras... O silêncio era profundo e apaziguador, e ela estava sozinha. Mas não aquela solidão de alma, que tanto dói; uma solidão apenas física, já que podia sentir a presença de todos os seus entes queridos a sua volta, em cada pequena borboleta que voava em volta de sua cabeça ou em cada folha que balançava nas árvores, que, de tão altas, pareciam não ter fim... E a névoa, ah, a névoa, que parecia paralisar o tempo com todo o seu mistério, fixar essa imagem tão insólita. Elisa costumava seguir uma espécie de método de descobrimento todas as vezes que era transportada para esses sonhos, muitas vezes mais reais do que a realidade em si. Ela costumava observar, primeiro de longe, e em seguida escolhia um lugar específico e analisava, tentando descobrir qual era a mensagem que este sonho estava lhe trazendo, analisando cantinho por cantinho cada detalhe desse mundo todo de invenção. Mas dessa vez não conseguiu. Caminhava lentamente passando a mão pelas plantas de todas as cores que a cercavam e sentindo seu cheiro, tentando impregnar-se da (não) realidade desse universo. Era por demais emocionante, como se o lugar não passasse de uma ilustração de si mesma, como se tivesse encontrado nele a SUA verdade, aquela que tanto procurara sem saber, com tanto afincamento, mas inconscientemente. E ela sentiu uma vontade imensa de deitar-se naquele chão de terra fria, nas raízes daquelas árvores, e não sair nunca mais, de ficar para sempre naquela paz, naquele jardim onde tudo era possível, podia senti-lo no ar... Mas uma buzina logo chamou Elisa de volta para o lugar onde verdadeiramente se encontrava: esperando que o sinal fechasse na rua Jardim Botânico, para que pudesse atravessar e seguir em frente, em direção ao vazio que a cercava por todos os lados, a mais um dia maçante, a algo que ela não podia (e nem queria) chamar de “vida”. Ela queria mais... 

Julia Sobral - 1º Período

Doce de Coco

Com simpatia e despretensão, Pina Coco fala sobre sua trajetória

A estampa da bolsa, com um desenho do detetive Tintin, já revela ao menos duas preferências de nossa perfilada – sempre avessa a perguntas sobre gostos e histórias pessoais. Assim como o personagem infantil, Pina Coco adora uma boa história policial, além de também ter íntima ligação com o país de origem do desenho: a França. O mestrado de quatro anos na Universidade de Aix-en-Provence é sempre lembrado com carinho.

“Sou muito européia. Tenho ótimas recordações, cheguei a dar aula de cultura brasileira em Nice, além de ter uma bela especialização em literatura francesa”, conta Pina, que voltou ao Rio em 1975, justamente o ano em que começou a lecionar na PUC. De lá pra cá, não quis mais saber de vida fora da instituição. “Dizem que na PUC nós não vestimos a camisa, nós a tatuamos. Além do mais, morar na Gávea é ótimo. Faço tudo a pé, não largo o bairro de jeito nenhum”, comenta a coordenadora da habilitação de Formação do Escritor que, por ironia, diz não escrever ficção por pura preguiça.

Uma boa história – ou um bom papo – é o bastante para chamar sua atenção. Ainda que resista a fazer uma lista de seus autores preferidos (“não dá para fazer, são muitos nomes, seria ridículo”), ela acaba entregando que tem em Calvino um grande mestre e fala de sua admiração por Nelson Rodrigues, fato já conhecido por quem já foi seu aluno. Além disso,

há os citados romances policiais. “Hoje estou mais para as margens do que para o cânone”, analisa. Atenta às “margens”, ela costuma assistir diversos seriados e folhetins, sem jamais deixar de acompanhar a novela das oito. “Orientei uma das primeiras dissertações em telenovelas, sobre Janete Clair”, relembra.

Pina contraria o mito de que uma professora de Letras vive sempre escondida atrás dos livros. É comum encontrá-la andando pelos arredores da Gávea, onde, despojada, cumprimenta uma série de amigos do bairro e comerciantes. Para ela, o contato com os alunos é fundamental. Depois de passar décadas se dividindo em lugares diferentes para se sustentar, ela diz agora “ter chegado lá”: faz o que gosta, dá aula nas cadeiras que sempre quis e ainda orienta uma disputada oficina de criação literária.

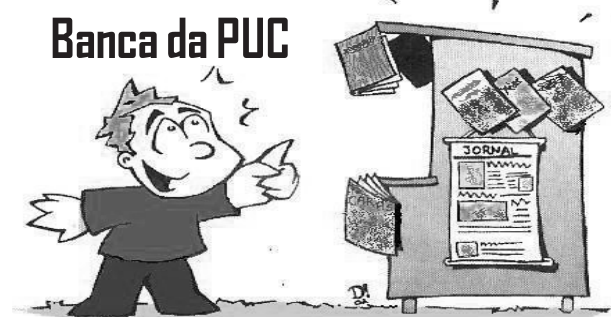
“O contato com os alunos te mantém vivo. Sala de aula é uma coisa muito forte. O professor é o personagem principal, está no palco, é Deus. Tenho que tomar muito cuidado para não ser professora 24 horas por dia, ficar uma pessoa didática, querendo explicar tudo”, diz ela, que foi aluna de Antonio Cândido e Paulo Emílio Salles Gomes, na graduação da USP. Outro “mestre” que ela gosta de citar é Affonso Romano de Sant’Anna, orientador de seu doutorado na PUC.

Além da sala de aula, Pina ainda encontra tempo para os encontros com um grupo



formado por ex-alunos de uma de suas oficinas – estão produzindo um romance coletivo. Entre os pequenos prazeres cotidianos, estão uma ida à papelaria, uma viagem a São Paulo ou desenhar e escrever em um dos seus cadernos comprados na França, hábito que ela adora manter. Para o lazer, ela não dispensa um bom jantar com amigos, cinema e teatro. “Sou muito exigente em relação ao teatro. Por isso, assisto pouco. Gosto muito do texto teatral, já fiz algumas traduções em trabalhos com o grupo Tapa”, lembra.

No entanto, ela não gosta de eleger uma obra necessária, ou algo que tenha mudado ou marcado determinado ponto de sua vida. Sempre crítica, ela não quis dizer nenhuma frase ou mensagem para os alunos no momento da entrevista. Mas, no dia seguinte, voltou atrás e, em telefonema para um colaborador, fez questão de incluir uma frase na entrevista. “Apesar de admirar muito Nelson Rodrigues, vou pedir para meus alunos contrariarem o famoso conselho que ele dava aos jovens, mandando-os envelhecer. Eu digo sempre: continuem sempre jovens”, finaliza, com a doçura de um saboroso doce de coco.



Línguas Estrangeiras na PUC-Rio

Cursos IPEL - Línguas: Público Externo e comunidade PUC-Rio

O IPEL e o Departamento de Letras oferecem cursos de línguas no campus Gávea.

Opções de cursos pela manhã, fim de tarde, noite e também aos sábados.

Carga horária: 45 horas semestrais (3h por semana).

IPEL Línguas: ilinguas@let.puc-rio.br

<http://www.let.puc-rio.br/cursos>

ETTORE

CUCINA ITALIANA

PÃES ANTIPASTOS MASSAS MOLHOS
PIZZAS SALGADOS DOCES TORTAS

Entregas na Gávea e Leblon
sábados, domingos e feriados

Av. Armando Lombardi, 800 - lojas C/D. Condado de Cascais, Barra da Tijuca - RJ

Tel.: 2493-5611 / 2493-8939

Por dentro do poema

*Fora, a esplêndida violência
ou os bagos de uva de onde nascem
as raízes minúsculas do sol.*
Herberto Helder

*Por dentro de um poema correm rios.
Em suas margens, mulheres de cócoras cantam
E lavam velhos lençóis,
Vigiadas pelos fantasmas do meio-dia.*

*No interior do poema, cidades crescem;
Praças bocejam pássaros ao vento
E os prédios são braços estendidos,
Tentando alcançar o tempo.*

*No poema, espelhos envelhecem os homens,
Enquanto galos anunciam a última estrela ferindo a manhã.
O mar lança espumas no rosto das jangadas
E a luz desperta o sono antigo das casas.*

(Pulsa, dentro do poema, o sangue cintilante dos segundos.)

*Fora existe o mundo;
Fora, a esplêndida violência dos poetas,
Atentos para a miséria dos minutos,
Para a força sustida das coisas*

-- Sabedores silenciosos da carne e do instante.

Paloma Espinola - 8º Período

Das coisas escondidas

Todas as vezes que eu procurei, eu fui achar no último lugar (dos que ficam escondidos atrás da estante) e tantas vezes foi alarme falso, que depois de duas semanas a barriga não sentia nenhum frio e nenhum CD fazia graça. Textos escritos, dramáticos em todas as linhas gritando a minha busca ou a dor que eu sentia por qualquer coisinha que fosse, e por um instante eu desisti. Na primeira oportunidade eu o matei. Matei com a minha estupidez e com as minhas armas de boicote. Me auto-sabotei, mostrei para ele minhas olheiras de noites mal dormidas, joguei fumaça na cara dele, dei golpes maldosos com meu cinismo barato e não aceitei a alegria e a calma com que ele veio. Não fazia sentido, ele veio me trazendo sorrisos, abraços, me deixou leve e me deu a mão para levantar do buraco, mas era justamente ali que eu queria ficar, que eu estava acostumada a ficar, e ele me tirou daquelas saídas vazias, das noites escuras, me levou à praia, me deu uma vida saudável e, de repente, eu tive saudades de me olhar no espelho e querer chorar por ainda ser metade. Um dia ele apareceu e, depois de fazê-lo acreditar na possibilidade de me fazer feliz, fechei a porta na sua cara, tranquei meu mundo e joguei a chave no mar. Eu matei o amor com falta de paciência, falta de ligações e olhares para o lado. Matei o amor a duras golpes de incertezas, ataques de insegurança, socos de respostas sádicas e tombos de realidade. E, desde então, ele nunca mais voltou. Às vezes, eu ainda saio por aí procurando alguma migalha desse amor que eu matei. Nunca acho. Não sobrou nada. Mas, mesmo assim, eu continuo olhando atrás das estantes....

Paula Gicovate - 4º Período

A CABEÇA DEITADA NO TRAVESSEIRO DEPOIS DE UM DIA ESTRESSANTE

Trilhava por trilhos e traços tingidos por tintas em tons de tigelas de barro quebradas, até alcançar um camelo que cuspiam ouro sob os passos que eu seguia refazendo as já refeitas cercanias cercadas por cercas cegas do meu cérebro. Sim, sinos cintilantes cintilavam sem som pelos ares azuis e amarelos do meu passado outrora austero recriado pela mente que mente o presente dando de presente ao futuro um passado repassado. Árvores de cordas ao vento tocavam notas em pensamentos timbres de beijos e bocas que brigam e cospem palavras do coração cansado e caído em mão anteriores e impiedosas... SI-LEN-CIO-SEM-SOM-PRE-TO-SEM-COR-CA-LA-DA-SEM-DI-ZER-NA-DA-PA-RA-DA-SEM-ME-XER-CA-Í-DA-NOCHÃO... e vai... crescENDO... DE VOLTA E REVOLTA NUM GIGANTE TURBILHÃO EXPRESSO ENCHENDO DE PENSAMENTOS PALAVRÕES ESCULPIDOS EM DESEJOS AJEITADOS MOMENTOS DE MUITA REFLEXÃO: EXPLOÇÃO!!!!!! Hana bira no ame vai caindo tinindo em mares verdes como lua em flor fazendo caminhos passíveis de cor, um negro malhado sentado assobia em marcha o que eu pensava, o sol dourado cuspidado como moeda pelo camelo encravado no caminho passado quando eu trilhava sozinho, sem compasso, sobre palavras trazidas pela minha mente delirante durante um sonho contente. Mas Vem, VEM, VEM FOR ÇAN DOA FE CHA DURA: QUEBROU! SALGANDO A FERIDA DOS SONHOS, CORROENDO QUEIMANDO ASSANDO, TORROU! Meu cérebro em brasa. Sanduíche em lata que como em largas mordidas diárias. Cuantos cuentos cuentas cuando me encuentras? Cuatro paredes sufocando com seus dentes a minha visão. Cuspo meus olhos. Me encaram me: -Je t'aime, moi non plus. Humanodepoisaindasonhopresonessacadeiadepensamentosinfindáveis...

Chiara di Axox - 6º Período

Furta-luz

Você é de pedra, sem coração.
Fria sem vida, fogo ou paixão.
Enganosa ilusão, veiedade.
Um deserto Mar da Tranquilidade.

Cigana embusteira, sorrateira.
Que vagueia, negaceia, a bel-prazer
Platinando com luz emprestada... Ôpa!
Enlouqueci... Que estou a dizer?

O ser humano precisa do sonho,
Tal como ele precisa do pão.
A missão é nobre, não oponho.

Vá lua! Provoca e arremeda!
Ilumina e ajuda o poeta.
Ele tem que tirar leite de pedra.

Sueli Rios - 5º Período